

EXPRESSÃO ARTÍSTICA: UMA COMPREENSÃO QUE VAI ALÉM DO LÁPIS E PAPEL¹

Morgana Mangoni²
Profa. Me. Maria Augusta Darienzo³

Resumo: O presente estudo tem como objetivo investigar como ocorrem os processos de desenvolvimento das crianças na Educação Infantil por meio das expressões artísticas, antes mesmo da utilização de materiais específicos. Esse trabalho tem abordagem qualitativa e é caracterizado pelo método pesquisa bibliográfica. Para fundamentar a descrição acerca das expressões artísticas e suas manifestações, o processo de experimentação e sensibilização para as artes, e o papel do educador enquanto mediador das relações pedagógicas foram analisados diferentes materiais de divulgação científica. Como consideração final, tem-se que a criança ao expressar-se artisticamente mobiliza um conjunto de fatores relevantes ao desenvolvimento integral e a aprendizagem mediado pelo educador.

Palavras-chave: Expressões artísticas. Educação Infantil. Aprendizagem.

Introdução

A educação consiste no processo de ensinar e de aprender, além de ser considerada como essencial para o desenvolvimento de um país e a qualidade de vida de sua população. A educação básica visa proporcionar a construção dos conhecimentos necessários para o exercício da cidadania. O ensino básico é o primeiro nível de educação escolar, que é dividido em três etapas, a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. Cada uma das etapas possui objetivos próprios e distintas formas de organização.

A Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos intelectual, social, físico e psicológico, complementando assim, a ação da família juntamente com a da comunidade. Também é objeto desta fase, o papel de educar, respeitando o caráter lúdico das atividades, com ênfase no desenvolvimento integral da criança. Essa etapa é oferecida em creches, escolas de educação infantil ou entidades equivalentes, as quais são caracterizadas como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados.

Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), as crianças têm direito à aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, o que auxilia nesse processo é, conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas. O adulto é um dos principais mediadores de conhecimentos,

¹ Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação/FAED, da Universidade de Passo Fundo/UPF.

² Acadêmica do curso de Pedagogia da FAED/UPF.

³ Orientadora. Mestre em Educação. Professora do curso de Pedagogia/FAED/UPF.

responsável pelo acesso a bens culturais e científicos contribuirão efetivamente no desenvolvimento da criança.

Para ampliar e diversificar os conhecimentos, a imaginação, a criatividade, as experiências emocionais, corporais, sensoriais, cognitivas e sociais a criança precisa interagir em diferentes espaços. Deve ser assegurado a ela explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, transformações, relacionamentos, histórias, elementos da natureza. Garantindo assim a ampliação de saberes e a formação como sujeito criativo e sensível.

O espaço escolar é o ambiente capaz de potencializar a aprendizagem. Neste sentido, percebe-se que as expressões artísticas, bem aproveitadas e incentivadas, promovem múltiplas aprendizagens, e por consequência promovem o desenvolvimento integral do sujeito.

Isso posto, este estudo tem como objetivo investigar como ocorrem os processos de desenvolvimento da criança na Educação Infantil por meio de expressões artísticas, antes mesmo da utilização de materiais específicos. Busca também, discutir a partir de perspectivas teóricas analisadas por intermédio da pesquisa bibliográfica. Dessa forma, o trabalho teve início pela pesquisa sobre o assunto em distintos materiais de veiculação científica, incluindo livros, artigos, teses, entre outros materiais estudados ao longo do curso. O presente artigo foi organizado da seguinte forma: inicialmente descreve-se acerca da caracterização das expressões artísticas e suas manifestações, na sequência são abordados conceitos teóricos de estudiosos que aprofundaram estudos em relação a importância do processo de experimentação e sensibilização, para então, apresentar as características de um educador mediador das relações pedagógicas.

1 Expressões artísticas e suas manifestações

Como a expressão artística é vista pela escola? Qual o seu lugar e papel na Educação Infantil? A partir desses questionamentos, destaca-se que as expressões artísticas, ao longo da história da educação brasileira, são de responsabilidade do ensino de artes e essa perspectiva ainda é dominante no contexto educacional contemporâneo.

A arte é manifestada pela humanidade desde o início de sua história. O homem faz uso das mais variadas formas de arte, manipulando cores, gestos, formas, superfícies, espaços, movimentos e luzes com o intuito de se comunicar. Nesse sentido, a arte integra as diversas manifestações culturais.

Sabe-se que, no Brasil, a importância da arte, da criatividade e das expressões artísticas está em permanente debate. O reconhecimento de sua dimensão pelas instituições educacionais

depende da compreensão das artes como elemento necessário ao processo de aprendizagem nos diferentes níveis de ensino.

Foi por volta da metade do século XX que a pedagogia experimental sinalizou um novo lugar para as artes na educação. A criança passou a ser considerada como um sujeito ativo, com suas próprias características, e não apenas um reflexo do adulto, as expressões passam assim a ser objetos de estudos cognitivos. Conforme Sousa, “a educação artística sublinha a importância que a dimensão artística tem para a educação, pois envolve várias dimensões desde biológicas, afetivas, cognitivas, sociais e motoras da personalidade de uma forma harmoniosa” (apud CONCEIÇÃO, 2015, p. 2).

O ensino de artes recebeu forte influência das ideias de Lowenfeld e Herbert Read, as quais influenciaram o “Movimento da Educação através da Arte”. Esse movimento teve como princípio a tendência da livre expressão. Tais teóricos acreditavam que a potencialidade criadora se desenvolveria naturalmente se fossem oferecidas condições adequadas para as crianças se expressarem livremente, o que levou ao espontaneísmo nas escolas.

O grande marco para o campo das artes foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que reconhece oficialmente a disciplina de Artes como área do conhecimento. O artigo 26 da LDB, em seu § 2º, dispõe que “o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996).

A partir dessa mudança, as artes deixam de ter um aspecto de entretenimento, de recreação e passam a ser consideradas como componente curricular responsável por construir conhecimentos significativos para a aprendizagem dos estudantes. O ensino das artes é constituído por novas significações, como o senso estético, a sensibilidade e a criatividade. Nesse sentido, Barbosa afirma que “na construção da Arte utilizamos todos os processos mentais envolvidos na cognição. Existem pesquisas que apontam que a Arte desenvolve a capacidade cognitiva da criança e do adolescente de maneira que ele possa ser melhor aluno em outras disciplinas” (2006, p. 15).

Atualmente, os diferentes níveis de ensino e outras disciplinas abordam a questão das expressões artísticas, não deixando essa função exclusivamente para o componente curricular de Artes. No contexto da educação infantil, as expressões artísticas se concentram no desenvolvimento de experiências sensoriais, dando ênfase ao processo que a criança percorre, juntamente com seus pensamentos, sentimentos, suas percepções, além das capacidades de interpretação, criação e relações com o ambiente que os cerca, sendo indispensável para o desenvolvimento integral da criança.

Corroborando com o pensamento de Lowenfeld, quando afirma que “tudo quanto pudermos fazer para estimular a criança no uso sensível dos seus olhos, ouvidos, dedos e do corpo inteiro servirá para enriquecer sua reserva de experiências e a ajudará em sua expressão artística” (1976, p. 108).

A manipulação de diversos tipos de materiais na educação infantil proporciona uma melhor qualidade para as expressões artísticas, contribuindo para o desenvolvimento da criança. A escolha dos materiais é feita conforme suas experiências pessoais e necessidades naquele momento.

Pois os pequenos também podem explorar materiais sonoros e o próprio corpo para se expressarem, como quando fazem movimentos com a boca e produzem sons ou quando montam e desmontam pilhas de caixas por prazer. Em todas essas situações estão pesquisando o que existe ao seu redor e o que podem fazer. A criança valoriza mais o material que está utilizando, o processo, do que o resultado final (COLETO, 2010, p. 140).

Cada criança irá escolher seus materiais e se expressar de forma única, essa ação reflete a capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, a perspectiva, o envolvimento criador e, até mesmo, a evolução social como indivíduo.

A ludicidade, a faz de conta, a dança, a pintura, o teatro, o desenho e os momentos de contação de histórias presentes no cotidiano das crianças possibilitam suas expressões; ao comunicarem-se, elas transformam as relações com a arte, são potencialmente criadores, possuem linguagens e produzem cultura.

A educação infantil, nessa perspectiva, é um ambiente favorável para a expressão criadora das crianças, o qual torna-se um espaço mágico, de criatividade, imaginação e fantasia. Como define Dionísio, a “arte é uma linguagem. Um tipo de linguagem com que o homem indaga e exprime realidades profundas de si mesmo impossíveis de captar de outra forma” (apud CONCEIÇÃO, 2015, p. 6).

No contexto das escolas de educação infantil, é possível encontrar espaços específicos para as expressões artísticas, chamados de ateliês. O ateliê é o ambiente ideal para as diversas manifestações artísticas, pois ali se encontram materiais e suportes necessários para a construção da aprendizagem das crianças por meio da livre expressão; em resumo, um lugar seguro para criar, refletir e fazer interações com os colegas, educadores e os diferentes objetos. Fragoso *et al* enfatizam que “a existência destes ateliês motiva e desperta o interesse do educando para as atividades artísticas” (2010, p. 191). Por conseguinte, é um espaço que promove o ensino e suscita a aprendizagem.

Sob esse ponto de vista, os ateliês são significativos para as expressões artísticas, uma vez que quanto mais a criança utilizar a consciência de si e das circunstâncias que a cercam, mais ela se desenvolverá, encontrando um equilíbrio natural. No ateliê, a criança sente que pode criar com liberdade, expor-se emocional e intelectualmente, ou seja, há a manifestação dos múltiplos aspectos de seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Em virtude dos aspectos que foram mencionados, ressalta-se que a arte na educação é imprescindível para o desenvolvimento infantil, pois, por meio dela a criança expressa-se artisticamente e expõe o que está pensando e sentindo, também é responsável por construir conhecimentos significativos, além de facilitar a aprendizagem, de forma lúdica, e consequentemente favorecer o relacionamento com o mundo.

Uma das formas de expressão utilizada na educação infantil é o desenho, o qual como método pedagógico tem extrema importância no cotidiano infantil, não sendo apenas uma mera atividade escolar ou um momento de recreação.

Quando a criança desenha ela cria pontes entre o mundo real e o imaginário, expressando sua concepção e percepção do contexto no qual está inserida. O desenho permite que a criança represente e retrate em diferentes dimensões suas experiências pessoais, revelando sua identidade. Segundo Derdyk “o desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar. A criança projeta no seu desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel” (1989, p. 51).

Por meio dos desenhos, as crianças percebem formas de comunicação, os quais permitem que o educador ao interpretá-los perceba elementos que auxiliarão no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças. Conforme a concepção de Almeida “as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem ‘dizer’ algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente” (2003, p. 27).

Para a criança, o valor da experiência pela expressão artística é o processo e não somente o resultado final. É o criar e deixar criar, que ainda são caminhos desconhecidos e não percorridos em algumas escolas de educação infantil, nas quais ocorre um equívoco, que é a reprodução sistemática e estereotipada, além da intervenção excessiva dos educadores na busca pelo esteticamente correto, não respeitando a concepção estética da criança.

Em razão disso, percebe-se que muitos educadores entregam desenhos prontos para as crianças pintarem, recortarem, colarem, o que consequentemente não permite oportunidades de exercitar o potencial criador. Os desenhos estereotipados empobrecem a percepção e a

imaginação, e acabam reduzindo a criatividade e singularidade da criança. Com isso é possível notar que

A utilização de cópias e desenhos estereotipados, não é uma forma de ensino inteligente e não considera a criança um ser cognitivo. Tira da criança o poder de escolha, de decisão sobre o que interessa a ela. Ao fornecer um material para a criança ilustrar, completar, copiar, o professor e ela já sabem onde vão chegar, o resultado é óbvio, ninguém pensa, ninguém toma decisão, ninguém reflete sobre novas situações (DERDYK, 1989 p. 23).

A utilização de desenhos estereotipados na educação infantil é uma das principais dificuldades com as quais se defrontam os métodos de expressão livre. Os desenhos já prontos não possibilitam e nem criam formas da criança se expressar, de ser autora, visto que o ato de copiar carrega em si um significado opressor e controlador.

Desta maneira, compreende-se que os modelos estereotipados acabam por diminuir a criatividade de expressão das crianças tornando-as dependentes, engessando sua imaginação e pensamento, portanto, não permitindo que desenvolvam-se deixando-as presas a modelos padrões.

O educador precisa ter conhecimento da globalidade que envolve os desenhos das crianças, para que o ato de desenhar não seja limitador, mas sim possibilitador de diversas formas de expressão e avanços no desenvolvimento emocional e intelectual, e para que ocorra a ruptura dos desenhos estereotipados.

O ato de desenhar da criança precisa ser respeitado e entendido como forma de expressão, desde as primeiras representações plásticas. Mesmo com todo apelo tecnológico e outras referências da contemporaneidade, a criança, em qualquer lugar do mundo, se tiver oportunidade de desenvolver o desenho, o fará mantendo semelhante esquema gráfico. O ato de conhecer e o ato de criar estabelecem relações: ambos suscitam a capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar, significar. Na busca do conhecimento reside profunda motivação humana para criar. O homem cria porque necessita existencialmente (DERDYK, 1989 p. 12).

Nesse sentido, o educador necessita acreditar na capacidade de criação de cada criança e respeitar a sua individualidade. Pois, cada criança é um ser único, com especificidades, e consequentemente, os desenhos produzidos por elas possuem traços exclusivos que revelam as diferenças entre elas.

Na sequência apresenta-se o processo que a criança realiza de experimentação e sensibilização por meio das expressões artísticas, o qual antecede qualquer expressão manifestada com materiais específicos, e a relevância deste para o desenvolvimento integral do sujeito na Educação Infantil.

2 O processo de experimentação e sensibilização

A experimentação e a sensibilização na educação infantil são formas naturais da criança descobrir o mundo que a cerca. Desde o nascimento, as crianças experimentam o mundo, sem esperar que alguém interceda na ação, aproximam-se, observam, tocam, sentem, testam as possibilidades, percebem os entornos existentes e as modificações possíveis de serem realizadas.

Essas ações acontecem antes de qualquer ato ou efeito sobre o meio, a criança observa e apropria-se como uma de suas primeiras ferramentas para adaptar-se ao mundo e interagir com ele. Ratificando o enunciado de Lowenfeld e Brittain que dizem que “a arte pode contribuir imensamente para esse desenvolvimento, pois é na interação entre a criança e seu meio que se inicia a aprendizagem” (1977, p. 115).

Conforme a criança desenvolve os sentidos, ocorre a experimentação e a sensibilização, é vendo, sentindo, ouvindo, cheirando e podendo provar, que ela descobre novas formas de expressar-se. O desenvolvimento e a aprendizagem dar-se-ão de acordo com as possibilidades ricas e variadas que ela vivencia, essas interações entre a criança e o meio são fundamentais para as experiências de expressões artísticas.

Acerca dessa questão, Fischer afirma que “para o ser humano, o rosto, a boca e as mãos são seus principais meios de explorar o ambiente e, por esse mesmo motivo, é grande a inervação nessas áreas. Neste sentido, é fácil entender a importância de utilizar e explorar atividades manuais” (2001, p. 57).

É por meio dos sentidos que a aprendizagem da criança ocorre, visto que há uma participação ativa no processo. As expressões artísticas concentram-se no desenvolvimento de experiências sensoriais, e são baseadas na sensibilidade criativa. Nas diversas experiências a criança expressa sentimentos, emoções, ou seja, demonstra sensibilidade nos distintos espaços sociais.

Uma das formas de experimentação e sensibilização que colabora para o desenvolvimento dos sentidos, é o brincar. É por intermédio do brincar que a criança se relaciona com o mundo. Sabe-se que brincando a criança expressa o que vivencia no universo real e no imaginário, dessa forma as brincadeiras, os brinquedos contribuem para o seu desenvolvimento.

Nesse sentido, defende-se a tese de que a brincadeira livre desempenha o papel de estimuladora do desenvolvimento, pois ela acompanha a maturidade etária e as capacidades individuais.

O brincar faz parte da vida da criança. É brincando que ela inicia, desde a mais tenra idade, sua interação com o mundo, estabelecendo formas de comunicação, relacionamento e experimentação. O brincar é atividade constante e natural, que estimula o aprendizado e a apreensão de valores culturais e sociais. [...] E, ainda assim, é no brincar que a criança tem a possibilidade de desenvolver habilidades motoras, perceptivas e cognitivas. Muitos estudos com crianças sugerem que o brincar da criança requer estratégias sociais de grande complexidade. A criança não se limita a imitação do mundo adulto, elas reinventam a todo tempo, um novo mundo. Esse mundo tem um pouco do que recebe de informação e um pouco dela mesma e de seus gostos e paixões próprias (INSTITUTO MARA GABRILLI, 2013, p. 13).

As brincadeiras com bonecas, carrinhos, bolas, de faz de conta e jogos desenvolvem e ampliam a capacidade de expressão e comunicação, a psicomotricidade e o desenvolvimento cognitivo da criança, a qual internaliza o conhecimento construído por meio da interação com o lúdico, além de potencializar trocas de afeto, ampliação do vocabulário e demonstração de emoções. Percebe-se, que no brincar a criança sente-se livre e representa quem e o que ela quiser.

A criança naturalmente aprende e evolui, bem como adapta-se ao meio em que experimenta, o brincar livre é uma ponte para o desenvolvimento integral. As atividades lúdicas propiciam a criança, de acordo com suas necessidades, particularidades e desejos, momentos essenciais de aprendizagem.

Toda criança brinca, joga. Brincando ela vai deixando a sua marca. Um rabisco no papel, um bolinho de areia úmida ou de argila: amarelinha de giz ou de carvão, no terraço, no quintal, na varanda; castelos de areia na praia, torre de blocos de madeira cuja altura varia segundo a sua coordenação e a sua idade, pipas de jornal com rabo de pano; cata-ventos com os quais ela corre, gargalha; recorte e colagem de estrelinhas e corações que ela desenha; cabanas - esconderijo. Verdadeiros mundos encantados (PACHECO, 1991, p. 83).

Reafirma-se, que o brincar livre faz parte da natureza da criança, nele ela se supera, dominando a corporeidade e tudo que a envolve, como saltar, correr, rolar, girar, além de desenvolver outras habilidades de forma lúdica.

Essa perspectiva é reconhecida nas ideias de Craidy e Kaercher, as quais afirmam que “a criança expressa-se pelo ato lúdico e é através desse ato que a infância carrega consigo as brincadeiras de faz de conta. É pelo brincar e repetir da brincadeira que a criança saboreia a vitória da aquisição de um novo saber incorporado a cada novo brincar” (2001, p. 103).

O faz de conta, brincadeira prestigiada e presente na educação infantil, é uma forma utilizada para que as crianças se reconheçam, criem e recriem, inventem diferentes mundos, assumindo papéis, desenrolando enredos e construindo interações e histórias. Nas representações, as crianças demonstram sentimentos, angústias, alegrias, incômodos, bem

como, aspectos presentes no seu cotidiano. Constata-se que no decorrer das brincadeiras elas sentem-se motivadas a viver o acaso, uma vez que as histórias são construídas espontaneamente.

Entre os benefícios da brincadeira de faz de conta Oliveira destaca que as crianças “codificam o conjunto de impressões que captam de outro, experimentando diversas possibilidades de ações no meio em que estão inseridas e diferenciando os elementos originais trazidos para a situação presente” (2002, p. 161). A partir da observação da criança do presente, ela interpreta, representa e atribui significado ao mundo e as relações que vivencia.

Outra questão que cabe citar é a socialização por meio da expressão de ideias. Brincando ocorre a criação de expressões e de regras, as quais são compartilhadas com todos os envolvidos, é o momento em que as crianças externalizam seus pensamentos e compreendem a opinião dos seus pares.

No faz de conta as crianças desenvolvem habilidades motoras, psicológicas e trabalham valores conhecidos e novos a partir do universo criado e necessários para cada ambiente social. Nessa brincadeira, cada personagem e objeto são essenciais para delimitar situações, regras e atitudes. A brincadeira de faz de conta é um momento de aprendizado, no qual a criança tem a possibilidade de viver os papéis imaginativos, estabelecer interações, que possibilitam trocas e mediações, entre as crianças e crianças e educador, favorecendo o processo de desenvolvimento.

O fato de as crianças, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação (BRASIL, 1998, p. 22).

Outros aspectos indispensáveis de salientar são a criatividade e a imaginação da criança, os quais permeiam as mais variadas brincadeiras vivenciadas. A criatividade e a imaginação solidificam vários momentos da educação infantil e, dessa forma, são essenciais para as expressões artísticas.

Percebe-se que a criança mobiliza um conjunto de fatores ao se expressar artisticamente, variando de acordo com as características individuais. A criatividade e a imaginação oportunizam que a criança se manifeste de forma livre, utilize as emoções por meio da imaginação nas histórias contadas, nas brincadeiras vivenciadas, no contato permanente com a natureza bem como, numa mediação adulta que propicie espaço e atividades para que elas se desenvolvam.

Essas habilidades não são um dom, nem nascem com a criança, mas, um saber que pode ser desenvolvido por meio das aprendizagens, como cita Warnock “as crianças podem ser ensinadas a olhar e a ouvir de maneira que a emoção imaginativa seja consequência” (apud GIRARDELLO, 2011, p. 76). Portanto, entende-se que a criatividade e a imaginação devem ser estimuladas por meio de um processo contínuo de experimentação. Nesse sentido, Held alerta que, “a imaginação, como a inteligência ou a sensibilidade, ou é cultivada, ou se atrofia” (1980, p. 46).

O estímulo imaginativo surge não só no contato com o que pode ser tocado ou percebido, mas também, no encontro com o incomensurável, sendo fundamental para a construção de novos conhecimentos. Essa experiência é essencial para o desenvolvimento integral da criança, tanto nos aspectos científicos como nos estéticos. Para tanto, é fundamental nas relações pedagógicas que o educador seja um mediador desse processo, sobre essa questão aborda-se na sequência as características desse profissional.

3 Características de um educador mediador das relações pedagógicas

Há distintas visões sobre crianças, infâncias e educador, oriundas das relações existentes na sociedade, variam de acordo com a comunidade, cultura e o passar do tempo, tendo geralmente em cada época uma definição institucionalizada e dominante. Algumas das visões sobre crianças, embora distante no tempo, fazem-se presentes em muitas práticas direcionadas a educação.

Cabe ressaltar, que a criança em determinadas pedagogias era vista como reprodutora de conhecimento e cultura, entendida como quem inicia sua vida sem nada, como uma tábula rasa. Essa criança, era vista como alguém que precisava de uma prática que pudesse deixá-la “pronta” para aprender. Conforme citado por Dahlberg, Moss e Pence, era preciso “fazer com que ela [a criança] fique ‘pronta para aprender’ e ‘pronta para escola’ na idade do ensino obrigatório” (2003, p. 65).

Devido a essa concepção, compreende-se, portanto, que a educação deveria ser equipada com os conhecimentos e instrumentos que habilita a criança para sua vida escolar futura, sendo, dessa forma, treinada a adaptar-se às diversas demandas que viriam em seguida no processo educacional.

As práticas pedagógicas desse tipo de trabalho estão centradas em um processo de reprodução e transmissão de conhecimentos, bem como, de uma inserção da criança na cultura dos adultos. Percebe-se, ao olhar para essa perspectiva de educação, que não há lugar para as

crianças serem de fato crianças, pois as mesmas eram rotuladas como incapacitadas de aprender por si só.

Em dado momento histórico surgem as propostas construtivistas que empenharam-se em construir uma visão centrada na criança para combater a educação que até o momento era massificada, ou seja, compreendia que o aprendizado se dava de uma única forma, a qual era utilizada para todas as crianças.

Construtivismo significa isto: a ideia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado. Ele se constitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio (BECKER, 1993. p. 88).

A Educação Infantil, na atualidade, é marcada por mudanças, nas quais o desafio é ampliar os conhecimentos acerca das crianças, refletir sobre as diferentes infâncias e lugares ocupados, bem como, reconhecer o protagonismo infantil, construindo assim pedagogias específicas para essa etapa da educação básica, a qual é primordial e base para os próximos níveis de ensino, além de afirmar a importância do trabalho docente na contemporaneidade, como descrevem os autores

Por isso, viver nas condições pós-modernas exige muito do processo da pedagogia. O desafio é proporcionar um espaço em que novas possibilidades possam ser exploradas e entendidas por meio da ampliação de modos de conhecimento reflexivos e críticos, capacitando as crianças para trabalhar com criatividade a fim de perceber as possibilidades e lidar com a ansiedade (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003, p. 79).

Dessa forma, além da construção de novos conhecimentos e conceitos acerca de crianças e infâncias, é também um desafio pensar em contextos em que essas mudanças possam ocorrer no ambiente educacional, o qual necessita estar preparado em função dessa concepção, bem como, os educadores precisam de qualificação que atenda as demandas das crianças da contemporaneidade.

Desse modo, é possível questionar: como os educadores de educação infantil podem se relacionar com as crianças, possibilitando novas aprendizagens e contribuindo para o desenvolvimento integral? Uma possível resposta é o entendimento de que a mediação do educador ocorre preferencialmente por meio da linguagem, seja verbal, corporal ou artística, as quais estão presentes tanto nas relações criança/criança, quanto criança/adulto e, também, na relação criança/conhecimento, o que exige uma formação mais abrangente, como a que refere a autora.

A formação do profissional precisa aliar conhecimentos advindos de diferentes áreas do conhecimento, contemplando: [...] a aprendizagem, o desenvolvimento e o ensino: a perspectiva da interação de crianças e adultos como meio para formar e ampliar o conhecimento de si, do outro, do mundo da natureza e da cultura (MACHADO, 1999, p. 87).

Tanto educadores quanto crianças vivenciam experiências, em outros ambientes sociais, e a partir delas constroem um repertório de significações que determinam o modo como se relacionam com os outros e com os objetos de conhecimento no contexto escolar. Esta relação é via de mão dupla, tanto o educador proporciona a construção de saberes por meio do conhecimento científico, quanto as crianças com seus conhecimentos colaboram no processo de ensino e de aprendizagem.

O educador, que concebe a criança como ser social, preocupa-se com as experiências individuais, pois as mesmas possibilitam que os educandos construam diferentes sentidos para o que lhes é apresentado. Dessa forma, educadores e crianças constroem conhecimentos, nos quais a imaginação, a criatividade e a curiosidade promovem a aprendizagem, uma vez que, notadamente, o ensino orienta-se a partir das necessidades de indivíduos singulares, múltiplos e complexos.

Para que as interações adultos-crianças e crianças-crianças se viabilizem, e para que a ampliação das possibilidades expressivas ocorra, é preciso que este adulto domine as formas de expressão infantil. Torna-se crucial [...] o domínio das técnicas expressivas nas mais diferentes linguagens (MACHADO, 1999, p. 91).

Sendo assim, um dos papéis do educador é compreender e trabalhar com as crianças as diferentes linguagens presentes no contexto contemporâneo, com vistas a ampliação das expressões, considerando as especificidades de cada uma, motivando a curiosidade, instigando-as com o uso de perguntas, situações, problemas, numa construção permanente na busca de respostas, tornando as aulas significativas, e dessa forma, ampliando e auxiliando novos aprendizados.

Diante disso, Coletto afirma que é necessário “valorizar o repertório pessoal de imagens, gestos, “falas”, sons, personagens, instigar para que os aprendizes persigam ideias, respeitar o ritmo de cada um no despertar de suas imagens internas” (2010, p. 146). Por conseguinte, o educador deve analisar e valorizar todo o processo de ensino e de aprendizagem e não apenas o produto final.

O educador, por meio do olhar sensível e da escuta atenta, percebe o que as crianças mostram e comunicam a outras crianças e aos adultos no seu entorno. Para promover o desenvolvimento integral do sujeito o pensamento, os desenhos e as habilidades

socioemocionais precisam ser considerados, assim abrangendo as esferas cognitiva, física e emocional.

Diante do exposto, presume-se que uma abordagem pedagógica centrada na criança e nas diferentes linguagens, possibilita uma multiplicidade de maneiras de se expressar, fazendo uso da escrita, da oralidade, da corporeidade, da música, das artes, das distintas manifestações artístico culturais.

Quando se trabalha com a primeira infância, arte não é algo que ocorra isoladamente. Ela engloba: controle corporal coordenação equilíbrio motricidade sentir ver ouvir pensar falar ter segurança. E ter confiança, para que a criança possa se movimentar e experimentar. E que ela retorne ao adulto, tenha contato e crie junto. O importante é ter um adulto por perto, coparticipando e não controlando (HOLM, 2007, p. 12).

Nessa perspectiva, o educador como interlocutor do processo de criação, utiliza práticas lúdicas ao longo das atividades, possibilitando a ampliação do imaginário e das vivências com novas situações, incentivando buscar e criar por meio de cores, gestos e sons, sensibilizando as crianças para expressarem-se livremente.

4 Considerações finais

O estudo revelou algumas especificidades que envolvem os processos de expressões artísticas no desenvolvimento e aprendizado das crianças de educação infantil. Cabe também destacar que as expressões artísticas tiveram grande evolução ao longo da história, ganhando mais espaço nas instituições educacionais, deixando assim de ser exclusividade do ensino de artes e passando a ter inclusive reconhecimento em outras disciplinas e em diferentes níveis de ensino.

No contexto da educação infantil, pode-se constatar que é indispensável o papel do educador enquanto mediador do conhecimento, reconhecendo a criança como sujeito singular, especificidades na forma de ser, de agir, de sentir. Também evidencia-se que é papel do educador desenvolver e elaborar metodologias e propostas significativas em sala de aula, possibilitando a experiência com as diferentes linguagens, com vista a ampliação das habilidades de expressões das crianças. Além disso, é essencial motivar a curiosidade e a sensibilidade das crianças, estimulando-as a construir permanentemente perguntas e respostas, auxiliando e ampliando as possibilidades de aprendizagem.

Por fim, pode-se supor que a criança mobiliza um conjunto de fatores ao se expressar artisticamente, o desenvolvimento e a aprendizagem dar-se-ão de acordo com a consciência de

si e das circunstâncias que a cercam. Observa-se que quanto mais a criança se sensibilizar e experimentar o meio em que está inserida, mais ricas e variadas serão suas formas de expressão artística.

Referências

ALMEIDA, Rosângela Doin. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/Educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2006.

BECKER, Fernando. O que é construtivismo?. In: ALVES, Maria Leila; DURAN, Marília Claret Geraes; BORJA, Amélia de; TOLEDO, Cleusa de; MATTOS, Meire Graça (Org.). **Idéias: Construtivismo em revista**. São Paulo: FDE, 1993, p. 87-93.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, 1996.

COLETO, Daniela Cristina. A importância da arte para a formação da criança. **Revista Conteúdo**, Capivari, v. 3, n. 1, p. 137-152, jul. 2010.

CONCEIÇÃO, Raquel Sofia Guerreiro da. **A arte na Educação Infantil: a importância para o desenvolvimento infantil**. 2015. 49f. Dissertação (Mestrado em qualificação para a docência em Educação pré-escolar) - Instituto Superior de Educação e Ciências, Lisboa, Portugal, 2015.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

DALHBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.

FISCHER, Julianne. **Uma abordagem prática da neurociência como contribuição para alfabetização de pessoas portadoras de necessidades educativas especiais**. 2001. 142f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

FRAGOSO, Maria Luiza; HOFMANN-GATTI, Therese; HARGREAVES, Lisa Minari; NOBREGA, Christus; VULCAO, Maria Goretti Vieira; DIAS, Karina e Silva; XAVIER, C. N. (Org.) **Licenciatura em Artes Visuais** - segundo semestre. Brasília: UAB UnB, 2010.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-posições**, Campinas, v. 2, n. 22, p. 75-92, maio 2011.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. 3. ed. São Paulo: Summus, 1980.

HOLM, Anna Marie. **Baby-Art**: os primeiros passos com a arte. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.

INSTITUTO MARA GABRILLI. **Brinquedos e brincadeiras**: inclusivos. 2013. Disponível em: <http://img.org.br/_wps/wp-content/uploads/2016/03/brinquedos.pdf>. Acesso em: 28 out. 2019.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1976.

LOWENFELD, Viktor; BRITTAIN, William Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MACHADO, Maria Lúcia de A. Criança pequena, Educação Infantil e formação dos profissionais. **Perspectiva**, v. 17, n. 1, p. 85-98, 1999.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

PACHECO, Elza Dias. **Comunicação educação e arte na cultura infanto-juvenil**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.